



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALDINEIA PINTO JULIO

A RESSIGNIFICAÇÃO TERENA DE RITUAIS E FESTIVIDADES

AQUIDAUANA - MS
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALDINEIA PINTO JULIO

A RESSIGNIFICAÇÃO TERENA DE PRÁTICAS CULTURAIS

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, para a obtenção do Grau de Licenciada em História.

Orientadora: Dra Iara Quelho de Castro

AQUIDAUANA - MS
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALDINEIA PINTO JULIO

A RESSIGNIFICAÇÃO TERENA DE PRÁTICAS CULTURAIS

Este artigo foi julgado adequado para a obtenção do Grau de Licenciada, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Data: ____/____/____

Prof. Dra Iara Quelho de Castro

Orientador - UFMS

Prof. Dra. Vera Lucia Ferreira Vargas

Avaliadora - UFMS

Prof, Mestre Janete Andrade de Lima

Avaliadora externa - IFMS

AQUIDAUANA - MS

2025

Autorização para Publicação Eletrônica de Trabalhos Acadêmicos

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho citado, em consonância com a Lei nº 9610/98, autorizo a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul a disponibilizar gratuitamente em sua Biblioteca Digital, e por meios eletrônicos, em particular pela Internet, extrair cópia sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, para leitura, impressão e/ou download, conforme permissão concedida.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pelo dom da vida, a minha família, aos professores do curso que diretamente e indiretamente contribuíram e se fizeram presentes em minha trajetória acadêmica, dando embasamento, suporte e apoio nesta caminhada de construção de conhecimentos e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois sem a sua direção e o seu agir, não teria capacidade para estar aqui, por se fazer presente em todos os momentos, por ter-me dotado de saúde, sabedoria e disposição para alcançar mais uma vitória em minha vida. Agradeço aos meus familiares, que com toda humildade e simplicidade ensinou-me a respeitar e buscar meus sonhos de forma honesta; ainda que seja com muito trabalho, mas sem nunca passar por cima de nenhum semelhante. Agradeço também a minha família por estar ao meu lado todo esse tempo me dando força, apoio e passando confiança, agradeço o incentivo para que me tornasse uma pessoa capaz de construir pensamentos que possa contribuir com a sociedade. Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que mais uma etapa da minha vida se realizasse e por confiarem e acreditarem na minha capacidade.

“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento”.
(Pv. 2.1).

RESUMO

Este artigo resulta de uma reflexão desenvolvida a partir do relatório apresentado ao Programa de Iniciação Científica 2016/2017, no curso de História, da UFMS, Campus de Aquiduana, tendo como objeto de estudo práticas culturais apresentadas pelos Terena, indígenas de Mato Grosso do Sul. Consideram-se as práticas religiosas e da dança como um campo significativo para se refletir sobre as noções de tradição e cultura, muito usadas nos discursos de reivindicação e defesa dos direitos indígenas. Trabalha-se a hipótese de que, por meio do processo de ressignificação cultural, os Terena contemporâneos atualizam e buscam legitimar suas formas de inserção e atuação no interior da sociedade nacional. No contexto das relações interétnicas e disputas territoriais, os Terena recorrem a expressões ritualísticas e festivas convocadas como expressões de sua tradição e de sua identidade étnica. Com base nesse contexto, este artigo se propõe a apontar algumas dessas práticas dialogando com os novos sentidos conferidos à história indígena, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Dessa maneira, adotou-se como referencial teórico-metodológico a abordagem da Nova História Indígena, que reconhece os povos indígenas como sujeitos históricos ativos, protagonistas de suas trajetórias. Conclui-se que os Terena ressignificam suas danças e práticas xamanísticas como estratégias de afirmação e defesa de seus direitos, especialmente no que tange à luta pela demarcação e posse de seus territórios. Em manifestações públicas, fazem uso de ornamentos de guerra e das rezas xamânicas como forma de atualização simbólica de suas pautas culturais e políticas.

PALAVRAS-CHAVE: História Indígena – Terena – Práticas Culturais

I. INTRODUÇÃO

No presente artigo propõe-se a apontar práticas culturais renovadas de rituais e festividades entre os Terena, evidenciando como as práticas consideradas tradicionais funcionam como estratégias de resistência, de reelaboração identitária e afirmação política diante das transformações históricas ocorridas na sua história a partir do contato com os europeus, isto é, desde a colonização, pela evangelização, prosseguindo com o contexto das políticas do Estado-nação brasileiro. Neste artigo examinamos experiências historicamente recentes, considerando-se que longe de serem vestígios fixos do passado, as expressões culturais — como o xamanismo e a Dança do Bate-Pau — se constituem como práticas vivas, capazes de articular passado e presente, ancestralidade e contemporaneidade, espiritualidade e luta por direitos.

Ao serem continuamente atualizadas em resposta às novas demandas enfrentadas pelas comunidades indígenas, essas expressões culturais reafirmam os vínculos indígenas com seu território, com suas cosmologias e com suas redes de solidariedade interna, demonstrando uma notável capacidade de adaptação e recriação. Assim, os rituais tornam-se instrumentos de coesão social, de fortalecimento da memória coletiva e de contestação às formas hegemônicas de silenciamento e invisibilização das culturas indígenas.

Neste contexto, este estudo parte de uma abordagem histórica renovada, que reconhece os povos indígenas como sujeitos ativos, cujas experiências e saberes devem ser incorporados à narrativa oficial da história brasileira. A partir das contribuições de pesquisadores como John Manuel Monteiro, Maria Regina Celetino de Almeida, João Pacheco de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha, entre outros, este artigo destaca algumas práticas, que tensionam os paradigmas ocidentais e colocam em evidência formas alternativas de compreender o mundo, a saúde, o tempo e o sagrado.

O artigo encontra-se subdividido em três partes: na primeira apresentamos algumas das noções, conceitos e abordagens que envolvem a temática; na segunda apontamos aspectos da religião tradicional indígena entre os Terena, o xamanismo e, na terceira, enfocamos a Dança da Ema, ou Dança do Bate Pau, como uma expressão festiva e identitária renovada.

1) Os Terena na contemporaneidade, entre teorias e práticas.

Os Terena constituem o segundo maior coletivo indígena de Mato Grosso do Sul e o quarto do Brasil, possuindo uma longa trajetória de interação com a sociedade envolvente. Etnograficamente, foram descritos como um grupo aberto ao mundo, interessado na aquisição de

novas habilidades e conhecimentos, praticantes de uma política baseada na construção de alianças e estratégias de negociação. Ao ingressarem no século XXI, apresentam-se como um dos mais ativos grupos vinculados ao movimento indígena brasileiro, organizando-se em instituições como a Grande Assembleia Terena (H'anati Ho'únevo Têrenoe), filiada à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, além do Fórum de Caciques (FANHANI, 2018)

No interior desse movimento, os Terena vêm atribuindo um novo significado às suas performances rituais e festividades. Tais práticas, anteriormente interpretadas apenas como expressões tradicionais, assumem hoje um sentido político e identitário. As chamadas "novas lideranças" articulam-se, em consonância ou contraste com as lideranças tradicionais, para projetar os rituais no espaço público como atos de resistência, reivindicação de direitos e afirmação étnica. Nesse processo, xamãs, rezas, danças, vestimentas e artefatos são mobilizados em manifestações que ilustram um fértil campo de ressignificação cultural, em que se inscrevem os desafios da contemporaneidade.

Nesse sentido, os rituais xamânicos e a Dança do Bate-Pau (Kohioxoti-Kipaé) emergem como performances que, mesmo transformadas, continuam a desempenhar funções essenciais na manutenção e afirmação da identidade cultural Terena, com novos sentidos.

As transformações nos rituais Terena devem ser analisadas à luz da Nova História Indígena, abordagem que confere centralidade ao protagonismo indígena e ao dinamismo cultural dos povos originários (MONTEIRO, 1994; 1999; ALMEIDA, 2003, 2017). A cultura é compreendida como um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução (CUCHE, 2002), em que elementos do passado são apropriados, reinterpretados e ressignificados para atender às demandas do presente.

O xamanismo entre os Terena foi tratado por Herbert Baldus (1950), Visconde de Taunay (1943), Kalervo Oberg (1985 [1948]), Altenfelder Silva (1949), Baldus (1950) e Oliveira (1966, 1976). A produção acadêmica mais contemporânea amplia aquelas abordagens, incorporando novas interpretações sobre os processos de ressignificação cultural. Estudos como os de Carvalho (1996, 2008), Martinez (2003), Moura (2009), Acçoline (2012), Batista (2014), Gondim e Castro (2017), Oliveira (2016), Ortiz e Moura (2019), entre outros apontam a permanência e transformação dos rituais xamânicos, especialmente em aldeias como Cachoeirinha (Miranda), Buriti (Dois Irmãos do Buriti), Bananal e Limão Verde (Aquidauana). Oliveira (2016, p. 177) constata que "por meio deste sincretismo, os Terena da Aldeia Buriti vêm ressignificando a sua cultura de forma a mantê-la" e que "o xamanismo é o ritual ao qual a comunidade recorre em busca de energias benéficas e a partir do qual recebe a proteção de seus ancestrais.

Essa ressignificação cultural pode ser compreendida pelas noções de apropriação (FISHER, 2011), reinterpretação (HERSKOVITS, 1963) e recomposição identitária (MONTEIRO, 1994, 1999). Os Terena, ao reinterpretarem suas práticas culturais, evidenciam que a cultura indígena não se esgota na tradição estática, mas se renova constantemente mediante os contextos de contato e enfrentamento com a sociedade envolvente. As performances atuais, apresentadas em assembleias, fóruns e eventos culturais, operam como linguagens políticas de resistência, nas quais se celebra não apenas a ancestralidade, mas também a capacidade de reinvenção e persistência.

Os rituais indígenas também se constituem como atos afirmativos das diferenças, não apenas entre seres humanos e não humanos, mas entre os próprios grupos humanos (PIMENTEL, 2011). De acordo com esse autor, por meio de trocas simbólicas e materiais, como comida, bebida, cantos e artefatos, os Terena estabelecem uma rede de significados que reafirma sua visão de mundo. Essas práticas, longe de serem fragmentos do passado, tornam-se instrumentos de mediação cultural e afirmação política no presente.

Portanto, compreender os rituais Terena sob a perspectiva da Nova História Indígena e dos processos de ressignificação cultural é reconhecer o papel ativo desses sujeitos na construção de suas trajetórias históricas. A retomada de práticas ritualísticas, a valorização da memória coletiva e a articulação com o movimento indígena nacional demonstram que os Terena não apenas preservam suas tradições, mas as reinventam constantemente como parte de sua estratégia de sobrevivência cultural e política.

As novas abordagens teóricas explicitadas em pesquisas como as de John Manuel Monteiro e Maria Regina Celestino de Almeida, por exemplo, permitem perceber que os povos indígenas, ao contrário das visões coloniais e evolucionistas, não estão à margem da história. Eles constroem sua presença histórica de forma dinâmica, criando novas formas de ser indígena em meio às adversidades. A cultura, nesse sentido, é reafirmada como campo de disputa simbólica e de resistência ativa (CUNHA, 2009)

Oliveira (2016) aponta para a ressignificação dos rituais Terena, destacando sua importância para a manutenção da identidade étnica e para a reinterpretação de suas práticas culturais. Através da análise bibliográfica e da sistematização de estudos etnográficos e historiográficos, esse autor identifica a continuidade e transformação de rituais fundamentais, evidenciando o protagonismo dos Terena na reinvenção de suas tradições.

As referências mencionadas, como arcabouço teórico mobilizado, apontam para a necessidade de uma historiografia que reconheça os povos indígenas como sujeitos históricos ativos e criadores de sentidos, em permanente processo de negociação com o mundo que os cerca.

2) Expressões do xamanismo entre os Terena

Koixomunetí, porungueiro, curandor, pajé e rezador são algumas das denominações atribuídas aos realizadores das atividades xamânicas entre os Terena. Esses termos, embora possam guardar distinções contextuais, são todas representações de uma religiosidade sincrética que resiste às pressões da homogeneização cultural, como pode ser visto em Carvalho (1996) e Acçoline (2012), dentre outros. Como assinala Carvalho (2008), essas figuras desempenham papel central na mediação espiritual e cultural entre a tradição indígena e os sistemas religiosos introduzidos no processo colonial, notadamente o cristianismo. A presença do catolicismo e do protestantismo nas aldeias não eliminou as práticas tradicionais, mas produziu novas formas de expressão espiritual.

Apesar da forte presença do cristianismo, tanto catolicismo quanto protestantismo, na Aldeia Buriti, os devotos continuam a praticar o cuidado de sua espiritualidade dentro da religiosidade tradicional, o xamanismo. O fato de adotarem o catolicismo não os levou a abandonar a participação nos rituais realizados pelos purungueiros durante a prática do Ohókoti¹ (OLIVEIRA, 2016), verificando-se que

Os rituais de pajelança estão presentes no cotidiano da Aldeia Buriti, e as famílias os procuram para tratar dos problemas de saúde. Na semana santa, especificamente na sexta-feira, os pajés preparam a sua tenda com uma cobertura branca, e os alicerces são pintados de cor azul e vermelho em forma de uma serpente enroscada na madeira que sustenta a tenda. (OLIVEIRA, 2016, p. 178)

A convivência entre as doutrinas cristãs e o xamanismo entre os Terena não se dá em termos de exclusão, mas de apropriação e ressignificação. O sincretismo observado é resultado de um longo processo de contato, onde novas práticas são incorporadas aos rituais. Gondim (2017) destaca que, apesar das mudanças provocadas pelo cristianismo, a visão sobre o xamanismo e os xamãs entre os Terena não resultou na substituição desse sistema religioso. Pelo contrário, ele observa que a interpretação feita pelos evangélicos terenas permitiu a integração do xamanismo com o cristianismo, criando uma nova dinâmica religiosa que combina ambos os sistemas em uma mesma atmosfera.

¹ “Esse cerimonial, chamado oheokotí, é constituído por um conjunto de práticas religiosas e profanas, e é realizado na época em que a constelação das 7 estrelas, as Plêiades, alcançam sua altura máxima no céu” (OLIVEIRA, 1965/1966, p. 260).

A resiliência do xamanismo, mesmo sob influência religiosa ocidental, é também destacada por Eder de Alcântara Oliveira (2016), ao analisar a incorporação de rituais cristãos, como a Semana Santa, ao calendário espiritual indígena. Segundo ele:

A influência do cristianismo dentro da Aldeia Buriti fez com que a Semana Santa [...] fosse absorvida pelo xamanismo fazendo parte da cultura Terena [...] Nesse processo de incorporação do protestantismo e catolicismo, o xamanismo na Aldeia Buriti sobrevive e se relaciona com as outras crenças, principalmente nas horas em que a comunidade passa por momentos difíceis, como a luta pela terra tradicional (OLIVEIRA, 2016, p. 182).

Jesus (2007) observa que, embora os ensinamentos cristãos sejam seguidos em certa medida pelos Terena, eles não são plenamente adotados como uma doutrina religiosa estrita. Ela destaca que, mesmo os frequentadores das igrejas, continuam a participar das práticas xamânicas, como as sessões de pajelança, evidenciando a convivência simbiótica entre essas duas tradições religiosas.

Gondim (2017), em sua pesquisa de campo na aldeia Limão Verde, também observou a persistência de práticas curativas tradicionais entre os Terena, que se mesclam com elementos do catolicismo popular. O estudo identificou casos como o do senhor Evaldo Vicente Dias, um curador que se identifica como católico, mas realiza práticas de benzedura utilizando imagens de santos juntamente com elementos do xamanismo. Esse sincretismo religioso reflete como os Terena têm incorporado os símbolos e rituais cristãos, sem abandonar sua espiritualidade indígena. O senhor Evaldo, por exemplo, relatou a prática do “batismo antigo”, que se diferencia do batismo católico, ao utilizar sal marinho e folhas de laranjeira. Ele também recorre a imagens de santos, conforme a devoção de cada família, e realiza orações através dessas imagens para a realização das bênçãos. Essa adaptação das práticas religiosas destaca a continuidade do xamanismo como um sistema de cura e espiritualidade, que não se dissolve frente às influências externas, mas se reinventa através da convivência com o cristianismo (GONDIM, 2017, p. 103).

A presença contínua do xamanismo se expressa também por meio da atuação de figuras ancestrais como a Koixomunetí da aldeia Água Branca, estudada por Adriana Pio Batista (2014), cuja prática enfatiza a cura através de instrumentos tradicionais como a porunga. A autora destaca que: “A anciã enfatizou a finalidade de cura de sua atividade xamânica, que é realizada usando-se uma ‘porunga’, que possui no seu interior pedras que chocalhadas afastam as doenças” (BATISTA, 2014).

Esses registros reforçam o argumento de Berti (2015) sobre a capacidade adaptativa do xamanismo Terena, que, mesmo diante das investidas religiosas coloniais, não apenas sobrevive,

mas também se transforma e se enriquece. O autor destaca que, ao longo do processo de contato com as religiões ocidentais, os Terena foram capazes de apropriar-se e ressignificar elementos que não faziam parte originalmente do seu sistema xamânico. Esses processos de adaptação, que envolvem a incorporação de práticas católicas e protestantes, evidenciam a flexibilidade do xamanismo Terena e sua capacidade de manter sua funcionalidade, apesar das pressões externas.

Assim, o xamanismo não só persiste, mas também se enriquece, ao integrar novos elementos religiosos de maneira a fortalecer seu papel dentro da comunidade. Esse fenômeno de reinvenção cultural, que envolve a domesticação de elementos externos, reflete uma resistência simbólica e uma reinterpretação de crenças que não enfraquecem, mas renovam o sistema espiritual Terena (CARVALHO, 1996).

Além da sua relevância espiritual, a prática xamânica desempenha um papel crucial na coesão sociocultural e política do povo Terena. O(a) Koixomunetí é uma presença constante, tanto em momentos festivos quanto em eventos de mobilização, especialmente nas lutas pela retomada dos territórios tradicionais. A prática xamânica, ao fortalecer a identidade coletiva, fornece à comunidade as forças necessárias para continuar a luta pela preservação de seu território, que é considerado essencial para a sobrevivência física e cultural do povo Terena. A terra, para este povo, é vista como um bem inalienável e fundamental para a continuidade de sua existência enquanto grupo, e o xamanismo atua como um elo entre a espiritualidade e a ação política (OLIVEIRA, 2016).

FIGURA 1 - Xamã Terena na 10ª Assembleia Terena. Aldeia Buriti. Município de Dois Irmãos do Buriti, 2014
Fonte: Disponível em: conselhoterenams.wordpress.com/category/imagens/ e APIB. Acesso em: 31 maio 2017.



A imagem acima retrata uma xamã durante a 10ª Grande Assembleia Terena, realizada em 2014 na aldeia Buriti, e as reflexões de Hugo Cesar F. Gondim, que observa a ressurgência da

figura xamânica no contexto do movimento indígena contemporâneo. Em particular, Gondim destaca que "a reaparição da figura xamânica está diretamente vinculada ao movimento indígena e, de forma mais específica, às atuais demandas relacionadas ao fenômeno da 'retomada' das terras tradicionais" (GONDIM, 2017, p. 14). Esse cenário reflete a estreita ligação entre a presença do ritual xamânico e o ativismo dos Terena na defesa e afirmação de seus territórios, evidenciando o papel fundamental do xamanismo não só como prática espiritual, mas também como um vetor de resistência e mobilização política. Nesse sentido, o xamanismo transcende a esfera religiosa, tornando-se também uma força de resistência cultural e política.

Ramos (1998), analisa a relação simbiótica entre os povos indígenas e suas terras, destacando que as terras tradicionais são, para os indígenas, não apenas fontes de subsistência, mas espaços espiritualmente carregados que devem ser mantidos em harmonia com as práticas culturais e religiosas. Os xamãs, segundo o autor, são os mediadores entre o mundo físico e o espiritual, sendo, portanto, fundamentais na proteção e recuperação dessas terras.

Berti (2015), discute o papel central das práticas espirituais, incluindo o xamanismo, nas lutas territoriais indígenas. Ela argumenta que, ao recosmicizar a terra por meio de rituais sagrados, os povos indígenas não apenas resistem às ameaças externas, mas reafirmam suas identidades culturais, espirituais e políticas, reforçando o vínculo entre a terra e suas cosmovisões ancestrais.

Oliveira (2016) aponta que, em tempos de pressão territorial e políticas colonizadoras, os xamãs não só preservam a espiritualidade indígena, mas também atuam como líderes na defesa do território. Ele destaca que o xamanismo é uma forma de resistência cultural, onde a preservação da terra e a manutenção das práticas espirituais andam de mãos dadas, tornando o espaço sagrado um símbolo de luta e identidade.

Lima (2018) argumenta que as práticas xamânicas estão intrinsecamente ligadas ao movimento político indígena, especialmente no contexto da retomada de terras. Para ela, a realização de rituais xamânicos em terras tradicionalmente reivindicadas serve como um mecanismo de resistência e reafirmação cultural, pois os xamãs atuam como guardiões da tradição e, ao mesmo tempo, como agentes políticos que contribuem para a luta pela terra.

Mariano (2024) pesquisando sobre o xamanismo Terena na aldeia Kopenoti, Terra Indígena Araribá, situada no município de Avaí, estado de São Paulo, trabalhou a hipótese de que os indígenas assumem e ressignificam o xamanismo segundo sua lógica dada pela sua cosmologia, visto que é uma prática que está retornando à comunidade depois de um longo período, como um processo de afirmação étnica e valorização cultural.

Os estudos até aqui mencionados concordam com a ideia de que o xamanismo, longe de ser uma prática isolada ou puramente espiritual, está profundamente entrelaçado com as lutas

territoriais e políticas, desempenhando um papel crucial na preservação das identidades e na reafirmação da autonomia dos povos indígenas.

A literatura etnográfica revisada ao longo desta pesquisa revela uma abordagem renovada sobre a história indígena, especialmente no que diz respeito ao tratamento das vivências culturais dos povos indígenas com novas concepções. Esta pesquisa constatou a incorporação de conceitos como apropriação, ressignificação e atualização das práticas culturais nos estudos sobre os rituais e festividades dos Terena. Autores como Carvalho (1996), Moura (2009), Acçoline (2012), Gondim e Castro (2017) e Oliveira (2016), entre outros, contribuíram com esses enfoques, que deslocam a análise para além das teorias de perda cultural, que por longo período dominaram as pesquisas históricas e antropológicas sobre os povos indígenas. Essas pesquisas ajudam a compreender a dinâmica cultural do povo Terena dentro do processo histórico e das conjunturas vivenciadas ao longo de sua trajetória de convivência com a sociedade nacional, destacando como esses povos atuam frente aos eventos com os quais se deparam.

Segundo Moura (2009), é possível observar constantes atualizações culturais entre os povos indígenas, que revelam a capacidade criativa dos coletivos indígenas, como no caso dos Terena, de se apropriar de elementos externos — como a doutrina protestante — e incorporá-los à sua cosmologia. Moura enfatiza que esse processo de apropriação não é passivo, mas sim dinâmico, refletindo um movimento cultural de resistência e inovação, no qual as práticas tradicionais se mantêm vivas e em constante transformação. Isso ocorre, portanto, não como um simples confronto entre tradições, mas como uma adaptação criativa que permite aos Terena manterem sua identidade cultural e espiritual diante das influências externas.

A contribuição de Gondim (2017) reforça essa perspectiva ao observar que, embora permaneçam certos rituais tradicionais, como a utilização de objetos mágicos e métodos de cura, os Terena demonstram uma capacidade de reconfigurar esses elementos de acordo com as mudanças sociais e culturais contemporâneas. Gondim documenta a substituição do licor de mel por cerveja, interpretando essa mudança como uma modernização do xamanismo, que se adapta às novas condições da sociedade, mas preserva sua essência ritualística. Essa reconfiguração reflete, assim, a flexibilidade cultural dos Terena, que conseguem integrar inovações sem perder sua conexão com as tradições.

Oliveira (2016) acrescenta que, mesmo entre os Terena que se converteram ao cristianismo, a religiosidade tradicional não desapareceu completamente. Embora muitas famílias tenham adotado as práticas cristãs, as crenças tradicionais continuam presentes no cotidiano, como exemplificado nas danças que envolvem a figura do Koixomuneti, personagem central no xamanismo Terena. Pimentel (2011) observa que, apesar da forte influência das religiões cristãs e

das relações de dominação sociopolítica, econômica e cultural, a religiosidade tradicional Terena ainda é transmitida de maneira subjacente, perpetuando suas práticas espirituais nas diversas esferas da vida comunitária.

Ferreira (2007) amplia essa análise ao destacar a fusão entre as tradições indígenas e as influências externas, como o cristianismo. Para Ferreira, a combinação dessas crenças, observada em locais como Limão Verde, exemplifica como as práticas religiosas dos Terena são ressignificadas dentro do contexto contemporâneo. Esse processo de hibridização cultural permite que os Terena mantenham suas práticas espirituais vivas e, ao mesmo tempo, se adaptem às novas realidades políticas e sociais, garantindo a continuidade de sua identidade cultural.

Oliveira (2016), por sua vez, destaca que os Xamãs desempenham um papel fundamental nas assembleias e mobilizações políticas, onde sua presença não é apenas uma questão de continuidade religiosa, mas também de reforço à identidade coletiva. Oliveira (2016) argumenta que os Xamãs têm um papel estratégico em integrar as lutas contemporâneas com a religiosidade tradicional, fornecendo uma base sólida para a resistência cultural e a preservação dos direitos territoriais.

Além disso, Moura (2009) também salienta o papel central dos Xamãs nas mobilizações culturais e políticas dos Terena, especialmente no contexto das lutas pela demarcação de terras. Segundo Moura, os Xamãs não apenas desempenham funções espirituais, mas também atuam como mediadores entre as demandas espirituais e as necessidades materiais da comunidade. Sua presença em eventos de mobilização política é essencial para a construção de uma rede de apoio e resistência, fortalecendo a coesão do povo Terena frente aos desafios da modernidade.

Carvalho (1996) considera que as transformações ocorridas não devem ser vistas como um processo de perda, mas como um esforço contínuo de ressignificação das práticas e crenças indígenas. Para Carvalho, os Xamãs, ao adaptarem seus rituais e crenças às demandas políticas contemporâneas, tornam-se líderes não apenas espirituais, mas também políticos, essenciais para a preservação das culturas e dos direitos territoriais dos povos indígenas. O autor sugere que o xamanismo, longe de ser um vestígio do passado, se reinventa, tornando-se uma ferramenta vital na luta pela afirmação cultural e pela preservação dos territórios.

Os estudos mencionados reforçam a ideia de que os Xamãs desempenham um papel fundamental não apenas no campo espiritual, mas também como agentes políticos e culturais na resistência dos Terena. Eles são protagonistas na preservação e afirmação da identidade cultural desse povo, integrando rituais tradicionais com as lutas políticas contemporâneas. Dessa forma, os Xamãs não são apenas líderes espirituais, mas também importantes atores na construção da coesão

social e política, permitindo aos Terena afirmar sua identidade frente aos desafios da modernidade e às formas contínuas de dominação histórica.

FIGURA 2 - Recepção Cultural às Lideranças dos Territórios no evento XVII Assembleia Terena na aldeia Bananal, Terra Taunay Ipegue, no município de Aquidauana, em 2024.



Fonte: Conselho do Povo. Foto de uma celebração Cultural Terena. Facebook, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/conselhoterena?mibextid=ZbWKwL>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Os Koixomuneti, líderes espirituais tradicionais do povo Terena, desempenham um papel fundamental não apenas nas práticas religiosas, mas também em contextos sociais e políticos, sendo frequentemente convocados para realizar rezas tradicionais em eventos acadêmicos e discussões nas aldeias indígenas. Essas performances xamânicas são inseridas na programação de solenidades rituais, que visam fortalecer a identidade cultural e espiritual da comunidade.

Além disso, os Koixomuneti têm sido chamados a atuar no movimento de retomada das terras Terena, simbolizando a recosmização desses territórios. Ao participar desses eventos, eles reocupam espaços públicos que, historicamente, foram negados a eles pelas dinâmicas das religiões não-indígenas. Exemplos disso podem ser observados em sua presença em eventos acadêmicos, prefeituras, secretarias e nas próprias aldeias, onde afirmam sua posição política relevante nos processos de interação entre os Terena e a sociedade em geral.

Um exemplo disso ocorreu no VI Encontro dos Acadêmicos Indígenas de Mato Grosso

do Sul, realizado em 2012 na Aldeia Buriti, onde uma Koixomuneti realizou uma solenidade fúnebre de abertura em homenagem ao professor Dr. Antônio Brand, importante pesquisador das questões indígenas no estado. De forma semelhante, na Grande Assembleia do Povo Terena, em maio de 2014, na aldeia Babaçu, foi registrada a realização de uma reza tradicional no primeiro dia do evento, como parte da programação que incluía mesas de discussão com líderes e atividades culturais, como danças e exibição de vídeos. O cartaz de convite para essa Assembleia também trazia como imagem símbolo o rosto de D. Miguelina, uma Koixomuneti amplamente reconhecida entre os Terena, reforçando a relevância desses líderes espirituais nas mobilizações culturais e políticas da comunidade (GONDIM, 2014).

A literatura etnográfica revisitada ao longo desta pesquisa revela uma nova leitura da história indígena, especialmente no que se refere à adaptação e ressignificação das vivências culturais dos povos indígenas. Estudo realizado a partir de autores como Carvalho (1996), Moura (2009), Gondim (2014), Oliveira (2016) e Ferreira (2007) destaca a incorporação de noções como apropriação, ressignificação e atualização de práticas culturais, enfatizando que essas abordagens permitem entrever as dinâmicas culturais dos Terena que se distancia das teorias tradicionais de perdas culturais, predominantes em pesquisas históricas e antropológicas anteriores.

Esses estudos sugerem que os povos indígenas, como os Terena, não apenas mantêm suas tradições, mas também as adaptam às condições contemporâneas, criando um movimento de resistência e inovação. Ferreira (2007) argumenta que, embora haja uma constante atualização de suas práticas culturais, o processo de apropriação de elementos externos, como a doutrina protestante, reflete a criatividade e a capacidade dos Terena de integrar tais elementos à sua cosmologia, sem perder a essência de suas tradições. Para o autor, essa reconciliação entre o antigo e o novo configura uma interação dinâmica e criativa entre os Terena e a sociedade nacional, fortalecendo sua identidade e resistência.

Ferreira (2007) também contribui para essa análise ao enfatizar a flexibilidade e resiliência da identidade cultural dos Terena. O autor argumenta que as práticas religiosas contemporâneas representam uma fusão dinâmica entre o xamanismo tradicional e as influências externas, como o cristianismo, resultante de uma longa trajetória de interações entre as culturas indígena e ocidental. Essa hibridização não apenas preserva os elementos espirituais indígenas, mas também facilita a adaptação dos Terena às novas realidades sociais e políticas, permitindo-lhes afirmar sua identidade de maneira contínua.

Gondim (2014), por sua vez, observa que, mesmo com permanências em práticas xamânicas, como o uso de objetos mágicos tradicionais e métodos de cura, há também uma reconfiguração desses rituais. A introdução de novos elementos, como a substituição do licor de

mel por cerveja, é vista como uma adaptação do xamanismo às novas condições sociais e culturais, mantendo, contudo, a essência espiritual de suas práticas. A partir dessa perspectiva, o xamanismo dos Terena pode ser interpretado como um reflexo da capacidade de adaptação cultural.

A literatura, nesse sentido, demonstra que o xamanismo desempenha um papel central não apenas nas práticas espirituais, mas também nas mobilizações políticas e culturais dos Terena. Moura (2009) observa que os Xamãs atuam como mediadores entre as demandas espirituais e as necessidades materiais da comunidade, desempenhando um papel importante na construção de uma rede de apoio para a luta política e cultural dos Terena, especialmente no que tange à demarcação de terras e à preservação cultural. Oliveira (2016), por sua vez, destaca a presença dos Xamãs nas mobilizações políticas, ressaltando que sua atuação nas assembleias e reivindicações territoriais não se limita a uma questão religiosa, mas também é uma estratégia para fortalecer a coesão e a identidade coletiva do povo Terena diante das pressões externas.

Além disso, Ramos (1998) sugere que, mesmo entre os Terena que se converteram ao cristianismo, a religiosidade tradicional não desapareceu completamente. As crenças e práticas espirituais, embora não mais predominantes, continuam a ser transmitidas e praticadas de maneira subjacente, como evidenciado nas danças envolvendo a figura do Koixomuneti. Para Souza, apesar da forte influência das religiões cristãs e das relações de dominação sociopolítica, as práticas religiosas tradicionais dos Terena permanecem vivas, permitindo uma contínua ressignificação da sua religiosidade no contexto contemporâneo.

Em sua pesquisa Gondim (2016) indica como os Xamãs são convocados para participar de eventos acadêmicos, cerimônias rituais e movimentos de retomada de terras, reafirmando sua posição política relevante nas relações com a sociedade não indígena. A presença de Koixomuneti em eventos como o VI Encontro dos Acadêmicos Indígenas de Mato Grosso do Sul, realizado em 2012, exemplifica como esses líderes espirituais são fundamentais na articulação das demandas culturais, espirituais e políticas do povo Terena, unificando aspectos religiosos e sociais.

Portanto, o papel dos Xamãs vai além da esfera religiosa, sendo elementos centrais na afirmação da identidade cultural e na luta por direitos territoriais. Essa posição destaca a importância do xamanismo como um elemento de resistência, adaptação e afirmação cultural. Em vez de serem vistos como vestígios do passado, os rituais e festividades dos Terena devem ser compreendidos como manifestações dinâmicas de uma cultura em constante adaptação, que responde tanto às pressões externas quanto às transformações internas do próprio povo.

Em diferentes espaços institucionais — desde eventos promovidos por órgãos governamentais, como prefeituras e secretarias municipais e estaduais, até encontros realizados no âmbito acadêmico, como nas universidades públicas do estado, a exemplo da Universidade Federal

de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) — tem sido recorrente a presença de Koixomuneti conduzindo rituais tradicionais por meio de cantos e rezas. Essa atuação evidencia o papel político-identitário que esses líderes espirituais vêm assumindo na cena pública contemporânea. A participação dos Koixomuneti em solenidades e eventos institucionais nos quais os Terena marcam presença revela uma reocupação simbólica dos espaços anteriormente negados a eles, refletindo a ressignificação do xamanismo enquanto expressão de resistência, afirmação cultural e agência política.

Gondim (2014) observa que, durante o III Encontro da Juventude Terena, realizado na Retomada Esperança, em outubro de 2014, foi possível identificar um marco significativo na valorização das lideranças espirituais tradicionais. Pela primeira vez, uma mesa redonda com "rezadores" das aldeias Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Água Branca foi incluída na programação oficial do evento, indicando uma crescente legitimação desses atores como portadores de saberes e vozes políticas. Embora apenas um dos rezadores, o senhor Justo, tenha comparecido, sua atuação foi emblemática: ao assumir a palavra, incentivou os jovens a se engajarem na luta pela retomada das terras tradicionais e a se reaproximarem dos Koixomuneti, como forma de reafirmação cultural. Durante o evento, ele também realizou cânticos que intercalaram referências ao catolicismo e à tradição indígena, além de reproduzir sons vinculados às danças tradicionais da ema e do siputrena, demonstrando a fusão de repertórios religiosos e culturais. No mesmo ano, a importância simbólica dos rituais foi novamente destacada no cartaz da Grande Assembleia do Povo Terena, realizada na aldeia Lalima, que trazia, em sua programação, as rezas tradicionais como momento solene de abertura, reafirmando o espaço de centralidade ocupado pelos Koixomuneti nas práticas públicas e coletivas do povo Terena.

Essa reocupação dos espaços públicos pelos Koixomuneti, especialmente em eventos promovidos por organizações indígenas ou mesmo por órgãos governamentais, revela um movimento de ressignificação da autoridade ritual como força política e social. Como destacam Ramos (1998) e Albert (2002), o xamanismo, longe de ser apenas uma prática espiritual, constitui-se como um campo de mediação entre diferentes esferas da vida indígena, articulando espiritualidade, política e memória coletiva. Da mesma forma, Pimentel (2011) argumenta que os rituais indígenas contemporâneos não apenas conservam tradições, mas também atualizam discursos de resistência e afirmação cultural diante das imposições da modernidade e da colonização.

No mesmo sentido, no cartaz da Grande Assembleia do Povo Terena, realizada em novembro de 2014 na aldeia Lalima, constava novamente a previsão de rezas tradicionais como parte da abertura solene do evento. Esse detalhe gráfico, aparentemente simples, reforça a

centralidade simbólica e política que os Koixomuneti vêm recuperando no contexto das mobilizações coletivas. Como aponta Oliveira (2016), a presença de elementos espirituais nos discursos públicos e nos rituais de mobilização indígena expressa não apenas a persistência de valores ancestrais, mas também a capacidade dos povos indígenas de construir estratégias políticas a partir de suas cosmologias.

Diante das evidências empíricas e bibliográficas encontradas ao longo da pesquisa realizada, é possível corroborar as conclusões de Gondim (2017), ao afirmar que há um movimento evidente de reemergência dos Koixomuneti nos espaços de diálogo e ação política do povo Terena. Esses líderes espirituais, tradicionalmente associados à cura e à dimensão religiosa, têm assumido um papel cada vez mais ativo nas lutas indígenas contemporâneas, especialmente por meio de suas apresentações públicas como rezadores e anciãos. Suas participações em eventos culturais, assembleias e encontros de juventude não apenas reafirmam sua autoridade tradicional, mas também funcionam como meios de diálogo intergeracional, compartilhando saberes e fortalecendo a identidade coletiva. Assim, os Terena não recorrem mais aos xamãs apenas por motivos de saúde espiritual; há uma reapropriação cultural desses sujeitos enquanto forças simbólicas de resistência e reafirmação etnocultural (GONDIM, 2014).

Essa análise é sustentada por outros autores, como Oliveira (2016), que aponta para um processo contínuo de reinterpretação e adaptação das práticas religiosas indígenas. Segundo o autor, os Terena têm se apropriado de elementos do cristianismo sem abandonar sua tradição, o que indica uma forma complexa de sincretismo e inovação ritual. Para ele, o sistema xamânico não desapareceu, mas foi transformado e reposicionado diante das pressões religiosas e sociais, mantendo-se como uma referência simbólica de resistência cultural.

Carvalho (1996) também destaca que as manifestações xamânicas entre os Terena não devem ser vistas como remanescentes de um passado estático, mas como práticas vivas que respondem criativamente às transformações históricas. O autor sustenta que o xamanismo, ao ser incorporado nos processos de mobilização política e nas lutas por território, assume um papel estratégico de afirmação étnica, funcionando como uma linguagem ritual e política.

No mesmo sentido, Oliveira (2016) reforça a ideia de que os Koixomuneti vêm assumindo relevância na articulação entre espiritualidade e ativismo. Sua presença em assembleias, eventos públicos e reivindicações territoriais é interpretada como um gesto de resistência e reconstrução da identidade coletiva, desafiando a marginalização histórica imposta pelas instituições coloniais e religiosas. Oliveira observa que a atuação dos xamãs contribui para redefinir o lugar dos saberes tradicionais nos espaços de poder e representação, ampliando o alcance político das práticas religiosas.

Ferreira (2007) complementa essa perspectiva ao analisar a fusão entre o xamanismo tradicional e as práticas religiosas ocidentais como um processo de hibridização criativa. Ele argumenta que os Terena têm demonstrado flexibilidade e resiliência ao incorporar elementos externos e, ao mesmo tempo, ressignificar suas tradições, mantendo viva uma identidade indígena dinâmica e plural.

O relato de experiências cotidianas apontam para aspectos significativos de modos de ser e viver de determinadas comunidades entremeados de saberes considerados tradicionais, práticas curativas e resistência cultural. Nesse sentido, colhemos e apresentamos o relato da terena Maria do Carmo, anciã da Aldeia Cachoeirinha, nascida em 16 de julho de 1951. Com 73 anos, Maria do Carmo mantém viva a memória de um episódio marcante de sua vida, ocorrido durante a época da colheita da manga, período de significativa importância econômica para a comunidade indígena, pois representa uma oportunidade de obtenção de recursos financeiros voltados à subsistência familiar.

Atribuímos importância as narrativas de anciãos, como Maria do Carmo, uma vez que nos deixam entrever visões de mundo específicas. Ao relatar a experiência ritualística vivida por sua filha de três anos, ela revela o esforço coletivo da comunidade em manter viva sua espiritualidade. Muitos anciãos não tiveram acesso à escolarização formal, o que limita o registro escrito de suas tradições. A oralidade, nesse sentido, torna-se um arquivo vivo e essencial para a manutenção da memória coletiva.

FIGURA 3 - Anciã Maria do Carmo na Aldeia Babaçu, compartilhando suas histórias e sabedoria com a comunidade, em entrevista realizada pela autora, em 20 de Julho de 2024.



Fonte: Arquivo da autora

Segundo a anciã, em um entardecer, enquanto retornava para casa após a jornada de

colheita, atravessou um campo de futebol e percebeu que sua filha pequena havia ficado para trás. Ela acreditava, conforme os ensinamentos transmitidos pelos mais velhos, que crianças pequenas não deveriam permanecer fora de casa ao pôr do sol, momento em que, segundo a cosmologia indígena, os "espíritos malignos" ou entidades perturbadoras circulam com maior intensidade.

Ao anoitecer, a criança começou a apresentar um quadro de intenso sofrimento: chorava de forma inconsolável e suas pernas gradualmente se entortavam para dentro. No dia seguinte, ainda sob os cuidados do irmão mais velho, o quadro se agravou, levando a menina a um estado de inconsciência. Diante do desespero, Maria do Carmo recorreu ao seu pai, o senhor Afonso Pinto, reconhecido curandeiro na aldeia e também nas comunidades urbanas adjacentes. Conhecido por seus saberes relacionados à medicina tradicional indígena, ele realizava benzeduras e orientava o uso de plantas medicinais.

Após realizar o ritual de cura, o curandeiro Afonso recomendou que Maria do Carmo procurasse outro especialista, pois considerava o caso demasiadamente complexo. Ainda que sua atuação fosse voltada prioritariamente ao tratamento de crianças, ele também era procurado por adultos em busca de promessas e curas, especialmente durante a festividade de São Sebastião, realizada anualmente no dia 23 de janeiro. Nessa ocasião, promesseiros da comunidade contribuíam com doações de animais (galinhas, porcos e carne bovina) para a realização do almoço comunitário.

Foi então que Maria do Carmo procurou outro curandeiro, conhecido como "Vovô Ricardo". Este, ao avaliar a situação, afirmou que a criança já se encontrava espiritualmente "perdida", mas que ainda havia uma possibilidade de salvá-la, desde que a mãe demonstrasse fé. Durante o ritual, conforme o relato, o curandeiro invocou três entidades espirituais. Os dois primeiros não conseguiram resgatar a criança. A terceira entidade, descrita como uma figura feminina, comunicou que, ao anoitecer do dia anterior, um espírito havia passado pelo local à procura de sua neta, tendo capturado, por engano, a filha de Maria do Carmo.

Durante o ritual, a anciã relatou que conseguia apenas ouvir as vozes dos espíritos, sem vê-los. Um dos espíritos recomendou que ela rezasse sete Ave-Marias e sete orações do Poder de Jesus. Após cumprir esse pedido, a criança começou a dar sinais de recuperação: suspirou, abriu os olhos e chorou.

A anciã também relatou que os curandeiros da época realizavam seus rituais utilizando um penacho feito com penas de ema, sempre diante da imagem de São Sebastião, evidenciando a sincretização entre elementos da espiritualidade indígena e do catolicismo popular. Durante a entrevista, foi possível identificar uma distinção importante entre as figuras do curandeiro e do xamã (ou Koixomoneti, na língua Terena). O curandeiro era responsável pela aplicação de ervas

medicinais e benzeduras, geralmente associadas à devoção cristã e a símbolos como o penacho e os santos. Já o xamã estabelecia comunicação direta com os espíritos ancestrais, utilizando instrumentos como a cabaça sagrada (maracá), que girava durante o transe ritualístico, buscando orientação espiritual para resolução de doenças físicas e perturbações espirituais.

Os rituais de cura realizados pelos curandeiros seguiam uma temporalidade específica: ao nascer do sol, as práticas eram voltadas para crianças; ao pôr do sol, para adultos. Essa rotina era regularmente observada na Aldeia Cachoeirinha, estruturando uma organização simbólica do tempo ritual, associada à circulação dos espíritos e à vulnerabilidade dos corpos.

Ao longo da conversa, Maria do Carmo e seu esposo recordaram alguns dos primeiros Koixomoneti da região, que marcaram a história da comunidade. Entre os citados, destacam-se Koixomoneti Xurí, ativo aproximadamente na década de 1920, bem como os senhores Cilú, Inácio Júlio, Tio Arlindo e Altino Júlio. Essa tradição xamânica era transmitida oralmente, de geração em geração, geralmente dentro da mesma linhagem familiar, o que evidencia a continuidade histórica dos saberes rituais indígenas.

No entanto, a prática xamânica vem, nas palavras da própria anciã, se enfraquecendo ao longo do tempo. A rotina de benzeduras diárias quase desapareceu da comunidade, sendo atualmente observada apenas em eventos públicos e manifestações culturais. Ainda que as danças tradicionais estejam presentes em celebrações escolares, festividades locais e movimentos de resistência indígena, a prática espiritual cotidiana tem sido, em grande parte, substituída por dinâmicas externas ao universo cosmológico Terena.

Esse relato evidencia não apenas a resiliência cultural de uma comunidade diante das transformações socioculturais, mas também a importância de reconhecer e valorizar os saberes ancestrais indígenas como patrimônios vivos e essenciais para a manutenção da identidade e da espiritualidade dos povos originários. Como afirmam Baniwa (2006) e Jesus (2007), a memória oral e os rituais coletivos constituem formas legítimas de conhecimento, resistência e continuidade cultural.

3) A expressão festiva e identitária da Dança do Bate Pau — Dança da Ema ou Kohixoti-Kipaé

A Dança do Bate Pau — também chamada Dança da Ema ou Kohixoti-Kipaé — também exemplifica a reatualização das práticas culturais. Considerada uma manifestação pública típica pelos próprios Terena e reconhecida como expressão representativa pela sociedade envolvente, essa dança revela o modo como rituais tradicionais são constantemente adaptados às condições

contemporâneas, reafirmando a identidade coletiva por meio da estética, da espiritualidade e da política

FIGURA 4 - Apresentação do Kohixoti-Kipaé da Aldeia do Bananal, na recepção aos calouros indígenas da UFMS, Câmpus de Aquidauana, em 2017.



Fonte: Acervo do CPAQ, UFMS/Câmpus de Aquidauana.

FIGURA 5 - Apresentação do Kohixoti-Kipaé da Aldeia Buriti, na recepção aos calouros indígenas da UFMS, Câmpus de Aquidauana, em 2017.



Fonte: Acervo do CPAQ, UFMS/Câmpus de Aquidauana - A Dança da Ema (Kohixoti- Kipaé)

FIGURA 6 - Recepção Cultural às Lideranças dos Territórios no evento XVII Assembleia Terena na aldeia Bananal, Terra Taunay Ipegue, no município de Aquidauana, em 2024.



Fonte: Conselho do Povo Terena. Foto de uma celebração Cultural Terena. Facebook, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/conselhoterena?mibextid=ZbWKwL>. Acesso em: 25 jul. 2024.

A diversidade de formas de apresentação do Kohixoti-Kipaé, Dança da Ema, revela não apenas a riqueza estética do ritual, mas a complexidade de sua origem e significados simbólicos. Como pode ser percebido nas figuras 4, 5 e 6, existem variações tanto na vestimenta quanto nas coreografias, nos contextos de realização e nas interpretações atribuídas à dança, o que evidencia a criatividade e sua capacidade de adaptação histórica. Segundo Altenfelder Silva (1949), a dança tem origem na mitologia Terena, sendo descrita como fruto de uma experiência xamânica: “Ele [Altenfelder Silva] relata que um Koixumuneti durante um transe viu um espírito da floresta realizar os movimentos dessa dança. Desperto repassou todos os movimentos para seu povo” (JESUS, 2007, p. 68).

Esse registro aponta que dança esteve vinculada ao xamanismo, este entendido como canal de comunicação com o mundo espiritual e como fonte geradora de práticas culturais. A partir dessa origem mítica, a dança foi apropriada e ressignificada em diferentes momentos históricos, especialmente após a Guerra do Paraguai. Segundo o relato de anciãos Terena, analisado por Naine Jesus (2007), o Kohioxoti-Kipaé passou a ser utilizado como forma de celebração da paz e da permanência do povo Terena em seus territórios.

Para Oliveira (2016, p. 186), a dança está diretamente relacionada à Guerra do Paraguai

e constitui uma prática por meio da qual os mais velhos transmitem oralmente a história de resistência e participação dos Terena no conflito: “é a partir da exposição das danças que os troncos velhos repassam a história de nossos ancestrais e sua participação como peça fundamental na preservação do território brasileiro durante o conflito sangrento da Tríplice Aliança”. Assim, a dança adquire valor pedagógico, narrativo e identitário.

A tradição oral assume aqui um papel central, funcionando como instrumento de resistência epistêmica e como método alternativo de preservação histórica. Paul Ricoeur (2007) argumenta que a memória coletiva é seletiva, construída e sustentada por marcos simbólicos, e que o testemunho oral opera como eixo de articulação entre o passado e o presente. No caso dos Terena, a dança ritualística atua como um desses marcos, articulando experiência espiritual, memória histórica e fortalecimento coletivo.

A vivência do ritual continua próxima aos modelos tradicionais, sendo praticado em momentos de conquistas comunitárias ou durante visitas de autoridades. Na aldeia Buriti, conforme relata Oliveira (2016, p. 179): “seguem quase o sistema tradicional, pois esse ritual é realizado quando se consegue algo importante para o desenvolvimento da comunidade e quando as autoridades públicas vão à aldeia”.

Essa mobilização coletiva não se restringe ao momento do ritual. Os preparativos envolvem vários membros da comunidade, e é nessa articulação que se constroem vínculos de pertencimento e de reafirmação identitária. Naine Jesus (2007, p. 62), pesquisadora Terena, aponta que a dança “torna-se uma fonte de investigação para a compreensão da memória coletiva de um povo”. E completa: “a memória e a resistência persistem cotidianamente dentro da comunidade e encontram voz na dança do Kohioxoti-Kipaé, uma manifestação tipicamente Terena [...] que ao longo dos anos passou por um processo de miscigenação e contato direto com a sociedade brasileira” (JESUS, 2007, p. 116).

Sahlins (1987) contribui para a compreensão dessa dinâmica ao afirmar que os esquemas culturais são historicamente ordenados e que as transformações constituem modos legítimos de reprodução cultural. Assim, a continuidade da tradição não implica em imobilidade, mas em ressignificação constante de práticas ancestrais.

Nesse sentido, as festividades Terena — incluindo as danças tradicionais, o xamanismo e rituais de passagem — desempenham múltiplos papéis: reafirmam identidades, educam as novas gerações, mantêm viva a espiritualidade e funcionam como estratégias políticas de visibilidade e reivindicação. Segundo Hall (2006), “as identidades culturais nunca são unificadas e, em sua maioria, estão em constante transformação”. Isso é claramente observável na forma como os Terena atualizam suas práticas em meio ao contato crescente com a sociedade envolvente.

A aproximação com o mundo urbano, seja por motivos de trabalho, estudo ou saúde, tem produzido mudanças profundas nas formas de viver, aprender e transmitir a cultura. A perda do espaço sagrado e o esquecimento das línguas originárias são desafios enfrentados por muitos povos indígenas. No entanto, como aponta Baniwa (2006), o contato com o mundo ocidental não precisa significar perda de identidade, desde que os saberes tradicionais sejam valorizados e transmitidos de geração em geração.

As fotografias da Aldeia Babaçu, figuras 7 e 8, no município de Miranda (MS), apresentadas a seguir, são registros importantes desse processo experienciado como continuidade e indicador de transformação cultural. A ressignificação do Kohioxoti-Kipaé e das práticas xamânicas evidencia o esforço dos Terena em preservar suas raízes enquanto se adaptam às exigências do mundo contemporâneo. marcado por um processo contínuo de tradução e recriação de si mesma, especialmente em contextos de conflito ou ameaça externa.

FIGURA 7 – Jovens da aldeia Babaçu recepcionando visitantes da comunidade com hospitalidade e Tradições Culturais(2022)



Fonte: Acervo da autora

FIGURA8 - Jovens da Aldeia Babaçu recepcionando visitantes da comunidade com hospitalidade e festividade



Fonte: Acervo da autora

Torna-se necessário compreender a Dança da Ema, assim como o xamanismo, não apenas como tradições, mas como práticas dinâmicas e estratégicas de (re)existência cultural, sendo isso essencial para reconhecer o protagonismo indígena na cena contemporânea. O que se observa é uma cultura que não apenas resiste, mas que transforma, reinventa e afirma sua presença — uma cultura viva, em movimento.

Uma atividade que vem se afirmando neste século XXI é a do concurso de beleza, uma apropriação da cultura da sociedade envolvente, reinventada e revestida com símbolos indígenas revisitados e atualizados. A festa, além de celebrar a beleza, destaca aspectos da cultura Terena, retomados e atualizados, incluindo a pintura corporal, trajes tomados como tradicionais e adereços como cocares e brincos, todos feitos artesanalmente a partir de recursos naturais conforme pode ser visto na figura abaixo.

FIGURA 9 - Candidatos do concurso de beleza indígena realizado na Aldeia Moreira (2018).



Fonte: Acervo da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da ressignificação dos rituais e festividades entre os Terena evidencia um processo complexo de resistência cultural e recriação identitária diante das transformações históricas, sociais e políticas vividas por esse povo. Longe de se configurarem como expressões estáticas do passado, as práticas rituais – como o xamanismo e a Dança do Bate-Pau – revelam-se formas dinâmicas de comunicação com os ancestrais, de reorganização simbólica da coletividade

e de resposta crítica às pressões externas, especialmente aquelas oriundas da colonização, da evangelização e das políticas assimilacionistas do Estado brasileiro.

As reflexões apresentadas apontam para a ideia de que os rituais e festividades dos Terena não devem ser vistos apenas como vestígios do passado, mas como manifestações dinâmicas de uma cultura em constante adaptação e resistência. O xamanismo, nesse contexto, emerge como um importante elemento de coesão social e política, permitindo aos Terena afirmar sua identidade, não apenas diante da modernidade, mas também frente às múltiplas formas de dominação histórica

Ao reativarem memórias, transmitirem saberes e atualizarem suas cosmologias em contextos contemporâneos, os Terena demonstram que seus rituais e festividades são instrumentos potentes de agência política, territorialidade e fortalecimento comunitário. A ritualidade não apenas preserva a memória dos antepassados, mas também articula estratégias de visibilidade e afirmação no presente, operando como um instrumento de negociação intercultural e de enfrentamento às desigualdades.

A pesquisa indica ainda, que persiste a necessidade da historiografia nacional reconhecer e incorporar efetivamente as narrativas indígenas como parte integrante da história do Brasil. As experiências dos povos originários, como os Terena, não podem ser tratadas como apêndices das versões oficiais, mas como experiências coletivas de trajetórias históricas próprias, como ocorre em relação aos povos indígenas, como defendem autores como John Manuel Monteiro, João Pacheco de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha e Maria Regina Celestino de Almeida, conforme apontado ao longo deste artigo.

A partir das referências apontadas, se pode dizer que a ressignificação dos rituais Terena se configura não apenas como uma prática cultural, mas como um gesto político de resistência e reexistência. Ao afirmar a diferença e ao atualizar os significados de suas tradições, os Terena contribuem para a construção de um Brasil mais plural, intercultural e democrático. Essa contribuição é fundamental não apenas para os estudos etnográficos e históricos, mas também para o reconhecimento efetivo dos direitos dos povos indígenas no cenário nacional.

Dessa forma, o estudo da ressignificação dos rituais Terena possibilita entrever as dinâmicas internas dessa comunidade, e permite refletir sobre os desafios contemporâneos da interculturalidade, da preservação da diversidade e do reconhecimento dos direitos dos povos originários. Ao reapropriarem-se de suas práticas tradicionais e inscrevê-las em novos contextos, os Terena reafirmam sua presença ativa no cenário nacional, contribuindo para uma sociedade mais generosa e inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACÇOLINI, Grazielle. Xamanismo e protestantismo entre os Terena: contemporaneidades. *Arquivos*, v. 6. n. 1, 2012
- ACÇOLINI, Grazielle, Protestantismo à moda terena. Araraquara, Tese de doutoramento, FCL/UNESP, 2004.
- ALMEIDA, Maria regina Celestino. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. Dossiê: O protagonismo indígena na história • *Rev. Bras. Hist.* 37 (75), 2017
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Metamorfoses Indígenas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- ALTENFELDER SILVA, Fernando, “Mudança cultural dos Terena”. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Nova Série, 3. 1949.
- ALTENFELDER SILVA, Fernando, “Religião Terena”, *Acta Americana*, México, 4, 1946
- BALDUS, Herbert, , “Lendas dos índios Tereno”, *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 4: 1950. p. 217-232
- BANIWA, Gersem Luciano da Silva. Povos indígenas e o desafio da interculturalidade. **In:** O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/MPI, 2006. p. 131–140.
- BATISTA, Adriana Pio. A Koixomuneti Terena da Aldeia Água Branca. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2014.
- BERTI, Daniela. A recosmicização da terra: xamanismo e luta indígena no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 55–70, out. 2015.
- CARVALHO, Fernanda. Koixomunetí e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. 1996. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - FFLCH/USP, [1996].
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- FANHANI, Alice Pereira, HANAITI HO'ÚNEVO TEREÑO, os documentos finais das grandes Assembleias do Povo Terena.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em HISTÓRIA) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauna, 2018
- FERREIRA, César Augusto dos Santos. **Xamanismo e cristianismo entre os Terena**: encontros e confrontos religiosos em uma missão protestante indígena. Campo Grande: UCDB, 2007.
- GONDIM, Hugo Cezar F., CASTRO, Iara Quelho. Rituais e cerimônias religiosas Chané-Guaná: o xamanismo terena nos estudos etnográficos. Dossiê: História Indígena: o campo interdisciplinar renovado. *Revista Albuquerque*, v. 9, n. 18, 2017.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERSKOVITS, Melville J. **O mito do negro na cultura americana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.
- JESUS, Naine Terena. Kohixoti-kipáe, a Dança da Ema, memória, resistência. Dissertação (Mestrado em Arte). Universidade de Brasília Instituto de Artes, 2007
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LIMA, Eliane da Silva. **Xamanismo e territorialidade**: práticas espirituais e lutas indígenas contemporâneas. Revista de Antropologia da UFSCar, São Carlos, v. 10, n. 1, p. 45–60, 2018.
- FISCHER, Michael. Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica. Rio de Janeiro, Zahar, 2011,
- MARIANO, Michelle Carlesso. Koixomuneti: xamanismo e resistência Terena. In: As ciências sociais aplicadas: questões sociais em foco. Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.
- MARTINEZ, Ângela Benitez. Mitos e Ritos do Povo Terena. Campo Grande/MS: Editora da UCDB, 2003.
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da S.; GRUPIONI, Luís D. Benzi (Ed.) A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC; Mari; Unesco, 1994. p.221-228.
- MONTEIRO, John Manuel. Armas e Armadilhas. In: NOVAES, Adauto (Org.). A Outra Margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOURA, Noemia S. P. O Processo de Terenização do Cristianismo na Terra Indígena TAUNAY/IPEGUE no século XX. Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP-SP, 2009.
- BERG, Kalervo, 1948, “Terena Social Organization and Law”. American Anthropologist Menasha, 50 (2); 1985, Terra Indígena (tradução de Silvia M. S. Carvalho). Araraquara, FCL/UNESP, n. 33: 9-21.
- OLIVEIRA, Eder de Alcântara. **Xamanismo e sincretismo religioso entre os Terena**: a experiência da Aldeia Buriti. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o mundo dos brancos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O dualismo terena. Revista do Museu Paulista. São Paulo, v. 16, 1965/66, p. 255-262
- ORTIZ, Rosalvo Ivarra; **MOURA**, Noemia dos Santos Pereira. Protestantismo, xamanismo e cosmologia terena: a missão indígena UNIEDAS e as igrejas pentecostais em Mato Grosso do Sul-

Brasil. Arquivos, v. 9, n, 1, 2019.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: povos indígenas e formação nacional**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2016.

PACHECO DE OLIVEIRA, João (org.) **A reconquista do território: etnografias do protagonismo indígena contemporâneo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2022

PIMENTEL, Spensy K. **Indígenas no século XXI: tradição, mídia e política**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

RAMOS, Alcida Rita. **Indigenismo: identidade e política nos movimentos indígenas brasileiros**. São Paulo: Editora Vozes, 1998.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

TAUNAY, Visconde de . **Entre os nossos índios**. São Paulo: Melhoramentos, 1930